

# A violência na TV

**Reinaldo Matias Fleuri**

É possível vencer a influência negativa das diversas formas de violência mostradas por este poderoso meio de comunicação.

**M**uitos pais se preocupam com a influência que os programas de TV podem exercer sobre as crianças, principalmente com as formas de violência que aparecem no vídeo. Realmente, pesquisas indicam que, hoje, um adolescente de 14 anos, classe média, passou cerca de vinte e duas mil horas diante do aparelho de televisão – enquanto apenas onze mil na escola – e já presenciou cerca de treze mil mortes violentas. Entretanto, os estudos feitos até agora sobre a influência social da violência apresentada na TV não são suficientes para nos dar uma visão clara e definitiva do problema.

Trata-se de uma questão muito complexa. Por um lado, sabemos que no Brasil a televisão hoje é o mais potente e sofisticado meio de comunicação de massa. As 106 emissoras privadas e as 12 estatais atingem cerca de 80 milhões de telespectadores. Em 14 dos 24 milhões de domicílios brasileiros estão instalados 17 milhões de aparelhos receptores (dos quais, quatro milhões e meio são a cores).

Por outro lado, não se conhece com exatidão o tipo e grau de influência da TV sobre tão vasto público. A TV pode ser usada para catalizar certos sentimentos do povo, para divulgar massivamente certas informações, mas tudo indica que é incapaz de criar situações à revelia dos desejos do povo. Exemplo disso é o fato de certos candidatos, nas

eleições passadas, não terem conseguido se eleger, apesar de terem utilizado de modo direto e indireto os meios de comunicação para sua propaganda. Quer dizer, o público telespectador pode desenvolver muitas formas de resistência à ação da TV.

Não temos respostas prontas. Mas podemos e devemos refletir sobre a questão pois, na medida em que tivermos uma visão mais clara do problema, conseguiremos não só desenvolver formas de resistência frente às influências nocivas, mas sobretudo poderemos descobrir formas de usar, de modo construtivo e crítico, este meio de comunicação que hoje se tornou imprescindível.

Estamos usando o termo violência no sentido do uso da força contra si próprio ou contra outros para se atingir determinados fins. E essa força pode ser não apenas de caráter físico, mas também psico-social e moral.

A violência física é a que mais se vê na televisão. De cada dez programas, oito apresentam violência física. Cerca de 70 por cento dos personagens estão envolvidos em alguma forma de violência. E nove em cada dez programas infantis baseiam-se em tramas violentas.

Provavelmente usa-se com tanta frequência as tramas violentas nos programas de TV sobretudo porque custam menos para se produzir e captam facilmente a atenção do telespectador. De fato, geralmente as cenas de violência mostram mais ação e exigem menos recursos do que qualquer outra forma de se conduzir a trama. Em geral, esses programas apresentam um esquema básico: o bandido pratica alguma agressão, perturbando a paz e a ordem estabelecida; o herói desencana



**Quando os adultos assistem programas infantis junto com as crianças, podem ajudá-las a desenvolver seu senso crítico, reelaborando as mensagens recebidas.**

deia a perseguição, mas o bandido parece vencer, criando suspense; aí o herói provoca a luta final – geralmente mortal – destruindo o bandido pela força física, fora das normas sociais estabelecidas. Por fim, o herói é recompensado.

Neste tipo de trama, mormente nos inúmeros filmes americanos importados, há uma caracterização maniqueísta dos personagens, onde o herói é considerado absolutamente bom e o bandido absolutamente mau. Os heróis são, em geral, detetives particulares, policiais, profissionais, homens de negócios. Indivíduos com inteligência, força e beleza físicas extraordinárias, que protegem ou lideram grupos comunitários para fazer o bem. Os criminosos, por outro lado, geralmente são mais feios do que os heróis, aparecem em grupos organizados e perturbam uma ordem “boa” e “justa”. Este esquema supervaloriza o indivíduo e confere uma conotação negativa e perniciosa aos grupos organizados, o que provoca no telespectador uma rejeição para com qualquer grupo organizado de caráter popular. É claro que este preconceito, continuamente alimentado, pode ser usado a qualquer momento para lançar dúvidas quanto à legitimidade de movimentos populares autênticos.

E a esta altura entramos no campo da violência psico-social. A violência psicológica diz respeito às pressões que podem ser feitas pela imposição de um determinado tipo de comportamento, ou condicionando, por diferentes formas, o modo de pensar das pessoas, sem levar em conta as condições de idade, cultura, raça ou situação pessoal.

A violência psicológica está relacionada sobretudo com os modelos de comportamentos difundidos permanentemente. São preconceitos quanto ao modo de vida: por exemplo, a idéia de que o modo mais feliz de viver é o do homem rico e bem sucedido, e de que todos podem chegar lá mediante o esforço pessoal; quanto ao tipo de mulher, bonita e amável, dona de casa submissa ao homem, ou a mulher que trabalha sem nunca questionar a exploração econômica de que é objeto, ou a mulher que quer se libertar assumindo o papel do homem; são preconceitos contra as minorias raciais, consideradas como bandos inimigos e ameaçadores da sociedade: nos faroestes, por exemplo, os índios, quando não estão submetidos aos brancos, são quase sempre tratados como bandidos, assassinos e elementos perigosos; e os negros desempenham papéis de marginais ou subalternos. As religiões são apresentadas também de forma parcial ou salientando certas características de grupo fechado e perigoso ou realçando



acriticamente seu misticismo. A oposição entre pobres e ricos é apresentada também como natural: nunca se mostra a real situação das classes populares, e raramente são focalizadas as relações de exploração que constituem a principal causa de sua miséria.

Outro tipo de violência que aparece na TV é a de caráter moral. Ela diz respeito, principalmente, à imposição de valores que criem a predisposição para o comportamento violento e anti-ético das pessoas. Tanto a violência física quanto a psicológica podem trazer como resultado uma violência moral, cometida contra pessoas que se encontrem desarmadas para julgar com equidade os valores transmitidos.

Há sociólogos que não acreditam que a TV influencie negativamente qualquer telespectador, mesmo criança, apesar de toda violência que apresenta no vídeo. A maioria, porém, concorda quanto a alguns possíveis efeitos.

A nível intelectual, a televisão estimula uma aprendizagem por imitação: as crianças e adultos passam a imitar seus ídolos. Por outro lado, desfavorece a formação de uma consciência crítica, uma vez que o mosaico com o qual a TV apresenta a realidade favorece a formação de uma visão fragmentada e a-histórica dos acontecimentos. Além disso, o fato de que grande parte dos programas são produzidos e divulgados por apenas algumas grandes redes, como a Globo, Bandeirantes, Sistema Brasileiro de Televisão e Rede Manchete, favorece a homogeneização cultural, segundo os interesses dos grupos econômicos e políticos que controlam essas redes.

A nível emocional, a TV favorece o processo de catarse. Quer dizer, uma pessoa que se senta diante da TV, após horas de trabalho exaustivo e depois de enfrentar ônibus cheios e trânsito difícil, encontra um meio fácil de esquecer seus próprios desenganos e frustrações projetando-se no mundo irreal que a TV

**Para que as crianças não se “intoxiquem” de TV é preciso oferecer-lhes alternativas adequadas.**

apresenta. Isto reforça, a nível de comportamento, a passividade como atitude permanente, inibindo a capacidade de questionar. E acaba-se por se aceitar a violência social como fato normal e até justo.

Se é verdade que a TV favorece uma visão acrítica e uma atitude de passividade diante da realidade social, é verdade também que inúmeros outros fatores, talvez mais fortes, reforçam ou criam resistência a estes mesmos efeitos. A classe social, o meio cultural, a formação familiar, a personalidade do indivíduo, a situação afetiva ou financeira são fatores que determinam o modo como se recebe a possível influência da TV, e de seus programas violentos. Alguns sociólogos afirmam que a criança é mais vítima da cidade grande do que da TV – a televisão não faria sucesso numa parque infantil. Outros afirmam que a TV simplesmente agrava a violência já existente no meio social, quer reforçando o sistema vigente, quer condicionando as crianças e adultos a ações violentas no plano individual.

O tipo de programas que predomina na TV brasileira, e a dependência passiva que muitos telespectadores criam em relação à TV, pode alimentar uma atitude generalizada de comodismo. Este seria um efeito extremamente negativo porque acabaria por destruir qualquer possibilidade de mudança social, cultural, etc.

Mas isto não justifica a tentativa de rejeição absoluta do uso da TV no lar e na sociedade. Não só porque isto seria, nos dias de hoje, absolutamente impossível. Mas, sobretudo porque a TV, bem ou mal, traz uma quantidade enorme de informações que, utilizadas de forma criativa e crítica, podem ser colocadas a serviço da conscientização, do engajamento social e da formação pessoal.

Um educador conta que, numa cidade do Nordeste, as pessoas queriam organizar uma associação de bairro. Mas não havia jeito de reunir o pessoal porque, no melhor horário para se fazer as reuniões, todo mundo estava assistindo novela. Até que alguém deu uma idéia: «Por que a gente não traz a televisão aqui e assistimos juntos à novela?» Foi o que fizeram. Assistindo juntos à alguns programas, o pessoal comentava as cenas e as situações que viam e as comparavam com a situação que viviam no bairro. Aí começou a ficar evidente para todos as discrepâncias entre o que a TV mostrava e os problemas do bairro. Com isso, os moradores se motivaram a discutir esses problemas, para compreendê-los e resolvê-los: em menos de dois meses já havia se constituído uma associação de bairro forte e ativa.

Quanto às crianças, seria inútil proibir que assistam continuamente TV, sem lhes oferecer alternativas. Neste sentido, os pais, educadores, assim como as autoridades, preocupados com o desenvolvimento da criatividade e da socialidade nas crianças, precisam criar espaços e situações em que elas possam brincar livremente. Estas alternativas ajudam a evitar o "vício" de assistir TV. Além disso, se os adultos assistem à alguns programas infantis junto com as crianças, podem comentá-los e ajudá-las a desenvolver seu senso crítico, reelaborando as mensagens recebidas.

Muitos pais e educadores, porém, podem alegar que se sentem "desarmados" para ajudar suas crianças a desenvolver uma atitude crítica frente aos meios de comunicação. Mas, hoje, já existem muitas iniciativas de grupos e associações para debater a influência dos meios de comunicação. Para citar apenas uma, lembramos o projeto de "Leitura Crítica de Comunicação" (LCC), desenvolvido pela UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social), que promove pequenos encontros em que, partindo-se do modo como as pessoas recebem a mensagem dos meios de comunicação, chega-se a elaborar uma visão mais crítica de sua influência.

O que parece importante, enfim, é perceber que a TV, com seus programas violentos, exerce uma influência que não é absoluta sobre nós. Mais importante ainda é compreender que não só podemos resistir a seus efeitos nocivos, mas podemos sobretudo partir dessas mensagens e efeitos para fomentar uma conscientização através do diálogo e da reflexão crítica.

**Reinaldo Matias Fleuri**

Cidade Nova 10/83